O CORTIÇO: PROBLEMAS SOCIAIS E RIVALIDADES INDIVIDUAIS

Isaac Silveira de Souza[1]
Kattiuce Serra[2]
Alessandra Carlos Costa Grangeiro[3]

GT10 – Estudos Literários

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo tratar, de forma crítica, temas polêmicos que aparecem na obra O Cortiço, de Aluísio de Azevedo tais como: a pobreza, homossexualidade, o contraste entre a cultura do brasileiro e a do português imigrante, a escravidão. Abordaremos essas temáticas de modo a expor a visão crítica do autor sobre os problemas sociais da época em que vivia. Além disso, tratar de dois personagens, João Romão e Miranda que, quando rivais, se invejavam, sendo cada um a seu modo, mas, quando amigos se admiravam intensamente. Como fundamentação teórica utilizaremos o artigo *A passagem do dois ao três (contribuição para o estudo das mediações na análise literária)* de Antônio Cândido.

Palavras-chave: O cortiço. Crítica social. Sociedade brasileira. Problemas sociais. Personagens do cortiço.

Introdução

O cortiço, obra de Aluísio de Azevedo, é um cânone da literatura brasileira, não apenas por possuir uma história interessante com personagens marcantes, tais como a mulata Rita Baiana e o avarento João Romão, mas também pelo fato de tratar, de forma crítica, temas polêmicos daquela época como: a pobreza, homossexualidade, o contraste entre a cultura do brasileiro e a do português imigrante, a escravidão, entre outros. Dito isso, abordaremos as temáticas citadas acima presentes ao longo da obra Aluísiana, de modo a expor a visão crítica do autor sobre os problemas sociais da época em que vivia. Problemas esses, que se fazem

1Isaac SILVEIRA**.** Aluno de Iniciação Científica ligado ao projeto **História, Cultura e Literatura em Goiás: uma religação de saberes, orientado pela profa. Dra Alessandra Carlos Costa Granjeiro: História indígena na cidade de Goiás e suas contribuições para a cultura e sociedade do estado.** Universidade Estadual de Goiás-Campus Inhumas (UEG) Isaac-silveira@hotmail.com

2 Kattiuce SERRA**.** Universidade Estadual de Goiás-Campus Inhumas (UEG) katiuceserra.93@gmail.com

[3] Alessandra Carlos Costa GRANGEIRO. Professora na Universidade Estadual de Goiás, Brasil. Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999/2011). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa. Tem feito investigação acerca do ensino de literatura numa perspectiva transdisciplinar, principalmente nos seguintes temas: tempo, espaço, memória e história. alessandraccosta@gmail.com

atuais quando comparados aos da atual sociedade brasileira, o que torna obrigatória, e ainda de mais relevância, a leitura do livro, a fim de desenvolver nos seus leitores uma visão mais analítica acerca do mundo a sua volta. Além disso, trataremos de dois personagens que, quando rivais, se invejavam, sendo cada um a seu modo, mas, quando amigos se admiravam intensamente. Falamos de João Romão e Miranda, dois homens distintos e semelhantes nos modos de adquirir suas riquezas, o que torna uma temática bastante polêmica a ser tratada nesse trabalho.

O artigo de Antônio Cândido **A PASSAGEM DO DOIS AO TRÊS (Contribuição para o estudo das mediações na análise literária)** será utilizado como fundamentação teórica de nosso trabalho, pois contém a tomada do estudo sobre **O cortiço**, contida num livro de Affonso Romano de Sant' Ana.

Corpo do Texto/desenvolvimento

Para uns, uma obra altamente pornográfica, revelando uma mente depravada por parte do autor, para outros, uma fiel descrição da realidade das camadas mais pobres e da burguesia brasileira no séc. XIX. **O cortiço** é um livro que possui uma visão altamente crítica sobre o seu contexto histórico, onde podemos encontrar diversas temáticas interessantes trabalhadas de modo a transmitir aos seus leitores uma sensação de revolta contra os problemas sociais.

A pobreza é revelada nos quatro cantos da vida dos moradores do cortiço, nos seus aposentos, nos seus trabalhos, nas suas escolaridades, nas suas obrigações, revelando uma vida miserável nas quais as únicas fontes de alegria são as barulhentas e alegres pândegas lideradas pela mulata Rita Baiana, onde eles esqueciam seus problemas, suas dívidas, seus empregos e madrugavam na companhia uns dos outros.

Um tema presente na obra bastante polêmico para ser tratado naquela época, talvez até hoje, é o da homossexualidade. Representada por Albino, tido como afeminado, o autor mostra originalidade ao expor seu personagem com trajes femininos, maquiagem e muito amigo das mulheres de modo que, muitas vezes, as fazia conversar consigo como se fosse outra mulher como na passagem seguinte:

> [...] Albino, um sujeito afeminado, fraco cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e

> pobre [...]. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com que já estava tão familiarizado que elas tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; [...]. (AZEVEDO, 2001, p. 40)

O contraste entre as duas culturas, a do brasileiro e a do português presente nos imigrantes pode ser muito bem identificado no cavouqueiro Jerônimo que, pouco a pouco, foi perdendo suas raízes lusitanas: começou a tomar banhos todos os dias, a tomar café, trocou o vinho pela cachaça, trocou, até mesmo, seu gosto musical pelo ritmo tocado pelos brasileiros nos grupos de pagode. Foi utilizado, até mesmo, pelo autor o termo abrasileirar. Tal fato, podemos observar na seguinte passagem:

> A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, ás imposições do sol e do calor, [...]. E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrasileirou-se. (AZEVEDO, 2001, p. 86).

Talvez a temática que traga mais revolta para leitores seja a da escravidão, representada pela pseudo alforriada Bertoleza que, na inocência de estar servindo ao seu homem, se submeteu mesmo “alforriada”, ao trabalho pesado, se contentando com as migalhas, tanto pecuniárias quanto eróticas, que lhe eram dadas pelo seu companheiro de labor e de cama João Romão. Isso tudo, podemos observar em:

> Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas [...]. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do **seu homem** [...]. (AZEVEDO, 2001, p. 17).

O livro retrata a vida de João Romão de um modo muito interessante, com passagens que mostram um mundo em desenvolvimento, onde ele herdou a venda na qual trabalhava, adquiriu a escrava Bertoleza de modo desonesto e iniciou a construção de um cortiço, roubando, com a ajuda de sua companheira de crime, materiais em obras de construção

vizinhas. E tudo vai se construindo de pouco a pouco até se tornar um homem rico, passando por cima de tudo e todos com uma venda muito bem frequentada e um cortiço cheio de inquilinos dos mais variados perfis. Tal fato, nos provam as seguintes passagens:

> Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira de fundo, da mesma forma que subtraiam os materiais das casas em obra que havia ali por perto. Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixado de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas [...]. (AZEVEDO, 2001, p. 17- 18)

Já a riqueza do Miranda estava no dote de oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, adquirido por meio de seu casamento com Dona Estela. Burguês pertencente à alta sociedade, ascende ainda mais quando compra o título de barão. Como sua fortuna estava em seu matrimônio, não podia se separar de sua esposa “uma mulherzinha levada da breca” que o traíra diversas vezes. Desse modo, estava sujeito aos mais diversos constrangimentos sem nada poder fazer. A passagem a seguir, nos mostra:

> [...] O Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de manda-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública [...]. (AZEVEDO, 2001, p. 19)

Dois homens distintos dois sentimentos semelhantes, ambos se invejavam. João Romão invejava Miranda por este, além de possuir fortuna, pertencer à alta sociedade, dar grandes festas com convidados célebres, ter modos e elegância no vestir. Essa inveja aumentou, ainda mais, quando o burguês adquire o título de barão. Joao Romão possuía uma grande fortuna, porém não se via frequentando os lugares que seu vizinho frequentava e nem possuía as qualidades que o outro possuía, vivia uma vida cheia de privações e isso o perturbava, tanto que passou a mudar seus hábitos a fim de se igualar ao seu rival. Como podemos observar na seguinte

passagem:

> [...] o Miranda, invejava-o deveras, com dobrada amargura com que sofrera o amigo de Dona Estela, quando, por sua vez, o invejara a ele. Acompanhara-o desde que o Miranda viera habitar o sobrado com a família; vira-o nas felizes ocasiões a vida, cheio de importância, cercado de amigos e rodeado de aduladores; vira-o dar festas e receber em sua casa de amigos rodeado de aduladores; vira-o dar festas e receber em sua casa as figuras mais salientes da praça e da política; vira-o luzir, como um grosso pião de ouro, girando por entre damas da melhor e mais fina sociedade fluminense; vira-o meter-se em altas especulações comerciais e sair em subscrições, assinando belas quantias; vira-o fazer parte de festas de caridade e de festas de regozijo nacional; vira-o elogiado pela imprensa e aclamado como homem de vistas largas e grande talento financeiro; vira-o enfim em todas as suas prosperidades [...]. (AZEVEDO, 2001, p. 1003)

Miranda, por sua vez, tinha inveja da vida que João Romão levava, por sua crescente fortuna, que já era maior que a sua, e por não ter que aturar as estripulias de uma mulher levada apenas para manter suas riquezas e seu status na sociedade. Como podemos observar na seguinte passagem:

> Tinha inveja do outro, daquele outro português que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa! (AZEVEDO, 2001, p. 27).

A inveja sentida pelos dois homens desapareceu quando os interesses de ambos se cruzaram, João Romão pede, então, Zulmira, filha de Miranda, em casamento. Este aceita por se tratar de um bom negócio. Os dois, agora prestes a se torarem parentes, passam a ter uma grande admiração um pelo outro. Como podemos observar na seguinte passagem do livro:

> O Miranda escutava-o calado, fitando-o com respeito.
>
> -Você é um homem dos diabos! Disse afinal batendo-lhe no ombro.
>
> E, ao sair de lá, no seu coração vulgar de homem que nunca produziu e levou a vida, como todo o mercador, a explorar a boa fé de uns e o trabalho intelectual de outros, trazia uma grande admiração pelo vizinho. O que ainda lhe restava da primitiva inveja transformou-se nesse instante num entusiasmo ilimitado e cego. (AZEVEDO, 2001, p. 169).

Agora, não se passava um domingo sem que o amigo de Bertoleza fosse jantar à casa do Miranda. Desse modo, João Romão e Miranda ficaram ricos de forma distinta e semelhante ao mesmo tempo. A distinção é que João Romão enriqueceu de maneira penada e

trabalhosa, privando-se de toda a luxúria que tinha direito, ao passo que Miranda precisou apenas de se casar com Dona Estela para obter sua fortuna, não podendo, assim, se separar da esposa. A semelhança é que ambos enriqueceram de modo desonroso para um homem, João Romão dava calotes e roubava os outros e Miranda se sujeitava a um casamento no qual o único interesse não era no amor, mas, sim, no dote que o matrimonio trazia.

Em cada personagem, uma história diferente, uma visão crítica, reflexiva e construtiva acerca de temas polêmicos distintos, personagens cujas histórias refletem a vida de muitas pessoas fora dos livros e representam os problemas sociais, ainda enraizados na atual sociedade, contidos durante a construção da mesma e que precisam ser vistos por uma perspectiva ainda mais analítica e é o que faremos agora, embasados nas considerações críticas de Antonio Candido, feitas no artigo intitulado “A passagem do dois ao três.” (Contribuição para o estudo das mediações na análise literária).

O artigo aborda vários contrastes como, por exemplo, a situação dos portugueses e brasileiros no fim do século XIX. Os portugueses eram basicamente os “ricos, descendentes e aliados; alguns trabalhadores pobres” os quais tem a opção de “vencerem ou serem vencidos”. Como exemplo dos ricos, podemos citar o Miranda, já dos trabalhadores pobres podemos citar o cavouqueiro Jerônimo. Já os brasileiros foram descritos como “alguns ricos, mas vinculados aos portugueses” os quais não possuem nenhuma opção “ficam como estão, vencidos e dominados pelos portugueses”.

De acordo com a oposição entre cortiço e sobrado presentes na obra e abordada no artigo, podemos fazer outra contradição representada pelos portugueses Miranda e João Romão. No livro “o lugar dos ricos é o sobrado, lugar em que só há brancos,” que seria representado pelo Miranda. Já “o lugar dos pobres, o cortiço, onde há uma pluralidade de cores”, seria representado pelo desonesto João Romão. É interessante, ainda, apontar a transição que João Romão faz de um lado para outro através de suas falcatruas.

Conclusão/ Considerações finais

Concluímos, então, que O cortiço não é considerado um cânone da literatura brasileira apenas por se tratar de uma narrativa emocionante e com personagens que nos levam das risadas às lágrimas, mas também pelo seu alto valor reflexivo e crítico em relação à

sociedade daquela época que deixou suas marcas na base da atual sociedade brasileira, abordando temas que eram e são polêmicos por mais que se tenha passado mais de um século, o que torna a sua leitura mais que obrigatória para qualquer leitor.

A dualidade representada através da oposição da situação dos brasileiros e portugueses tais como as características de suas habitações representadas no livro, são muito bem relatadas no artigo de Antônio Cândido. É notável a superioridade exercida pelos portugueses em relação aos brasileiros, onde aqueles são sempre vencedores e têm como habitação o sobrado, ao passo que estes são inferiores, sempre dominados e apenas servem para “vender sua força de trabalho”.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 36. ed. São Paulo-SP: Ática, 2001.

CANDIDO, Antonio. **A passagem do dois ao três** (contribuição para o estudo das mediações na análise literária). In: Revista de História. Ano 25, tomo 3, volume 50, n.º 100, São Paulo, out/dez.1974, p.787-794.